

TRADUÇÃO INTERCULTURAL ENTRE SENEGALESES EM CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL

Silvana Colombelli Parra Sanches

silvana.sanches@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo. *Esta pesquisa é parte da tese de doutorado inserida na linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, onde lanço um olhar para mim e para o “outro” ao considerar classe social, gênero, condição cultural, enrijecimentos ontológicos, epistemológicos, permeados por signos imagéticos, movimentos éticos, estéticos e políticos. Este “outro” são senegaleses residentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ao relacionar diferença com intensidade, aos moldes deleuzianos, inventa-se nesta pesquisa um platô pesquisadora-sujeitos, apesar de/a partir de trajetórias de vida e formas de pensar a vida discordantes e incongruentes. Em contraste, e, concomitantemente, evitando resvalar no binarismo, utilizando este apenas como ponto de partida tem-se uma pesquisadora mulher-branca-feminista e sujeitos da pesquisa afrodiáspóricos homens heteronormativos. Há comunidades étnicas se hibridizando em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por vezes invisibilizadas nas universidades, que se reinventam e se traduzem no cotidiano das interações sociais, convivendo ora com a hospitalidade curiosa, com o exotismo a que são expostos, ora silenciadas frente ao preconceito quando se busca, por exemplo, um emprego formal, diante da dificuldade em se comunicar, resistindo às investidas dos marcadores estruturais do racismo à brasileira.*

Palavras Chave. *Senegaleses, Rizoma, Diáspora.*

Abstract. *This research is part of the doctoral thesis inserted in the research line Cultural Diversity and Indigenous Education of the Graduate Program in Education at Universidade Católica Dom Bosco, where I look at myself and the “other” when considering social class, gender, cultural condition, ontological and epistemological hardenings, permeated by imagery signs, ethical, aesthetic and political movements. This “other” are Senegalese living in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. By relating difference with intensity, in Deleuzian molds, a researcher-subjects plateau is invented in this research, despite/from discordant and incongruous life trajectories and ways of thinking about life. In contrast, and, at the same time, avoiding slipping into binarism, using this only as a starting point, we have a female-white-feminist researcher and*

heteronormative male Afro-diasporic research subjects. There are ethnic communities hybridizing in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sometimes invisible in universities, which reinvent themselves and translate into everyday social interactions, sometimes living with the curious hospitality, with the exoticism to which they are exposed, sometimes silenced in the face of to prejudice when, for example, a formal job is sought, given the difficulty in communicating, resisting the investitures of structural markers of Brazilian-style racism.

Keywords. *Senegalese, Rhizome, Diaspora.*

Resumen. *Esta investigación es parte de la tesis doctoral inserta en la línea de investigación Diversidad Cultural y Educación Indígena del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Católica Dom Bosco, donde me miro a mí y al “otro” al considerar clase social, género, condición cultural, rigideces ontológicas y epistemológicas, permeadas por signos de imaginaria, movimientos éticos, estéticos y políticos. Estos “otros” son senegaleses que viven en Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Al relacionar diferencia con intensidad, en moldes deleuzianos, se inventa en esta investigación una meseta de investigadores-sujetos, a pesar de trayectorias de vida y formas de pensar la vida discordantes e incongruentes. En contraste, y, al mismo tiempo, evitando caer en el binarismo, utilizando este solo como punto de partida, tenemos una investigadora-mujer-blanca-feminista y sujetos de investigación heteronormativos masculinos afro-diaspóricos. Hay comunidades étnicas que se hibridan en Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a veces invisibles en las universidades, que se reinventan y se traducen en las interacciones sociales cotidianas, a veces viviendo con la curiosa hospitalidad, con el exotismo al que están expuestas, a veces silenciadas en la cara. de prejuicios en la búsqueda, por ejemplo, de un trabajo formal, dada la dificultad para comunicarse, resistiendo las investiduras de los marcadores estructurales del racismo a la brasilera.*

Palabras clave. *Senegalés, Rizoma, Diáspora.*

1. Introdução

A inserção no grupo social dos senegaleses residentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Estado do centro-oeste brasileiro, inicia-se em setembro de 2019, quando conheci dois senegaleses em uma festa de aniversário de uma amiga que trabalha na Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O aniversário aconteceu na sede do Teatral Grupo de Risco, uma companhia de teatro bem antiga da cidade e estavam lá pessoas que participam do movimento negro na região, além de pessoas ligadas à Igreja Católica e imigrantes das mais diversas origens. Os senegaleses se esforçaram para me explicar características de seu país através de vídeos gravados no celular de cada um deles. Simpáticos e pacientes com a minha ignorância, me conquistaram. Aos poucos amadureço a ideia de trabalhar com este grupo social em minha

tese de doutorado “Name nala¹ em diáspora: a presença senegalesa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, da qual este artigo faz recorte.

Com uma população predominantemente de jovens, o Senegal, país africano localizado na região sub-saariana, banhado pelo Oceano Atlântico, tem seu povo majoritariamente da religião muçulmana, onde prevalece o Sunismo. Neste, o Alcorão e a Sunna (transmissão oral de saberes religiosos) são considerados as principais fontes da lei Islâmica. A religião islâmica significou uma prática de liberdade diante do imperialismo/colonialismo francês. (BRIGNOL e COSTA, 2018). As principais confrarias são: Mouride, Tidjane ou Tidiane, Khadre, Layéne, Niasane ou Nyanene.

Além do Wolof, há pelo menos vinte etnias no Senegal: Manding, Tuculeur, Lébou (subgrupo Wolof), Diola, Sossé, Manjak, Sereer, Soninké, Mancagne, Bambará, Sarakhoule, Peulh, entre outras. E, faz fronteira com países vários, Gâmbia, de colonização inglesa, Guiné-Bissau, de colonização portuguesa, dentre outros. Em vários países para onde migram na contemporaneidade, jovens muçulmanos senegaleses são chamados de modu-modu, palavra que veio de Mohamed², depois Mamadou³ e, ao final, passou a ser oralizada como *modu-modu* nos países de destino destes viajantes.

Modu-modu atualmente é uma palavra utilizada na diáspora para denominar os homens senegaleses da confraria muçulmana Mouride, que estudaram nos Daara (escolas corânicas no Senegal) e são ex-taalibé (alunos dos Daaras), com vestimentas e músicas específicas de culto ao Serigne Bamba (principal líder Mouride), nômades pós-modernos, saem do seu país para trabalhar como comerciantes, principalmente, totalmente inseridos na sociedade capitalista neoliberal, muitos falam várias línguas mas não as escrevem, extremamente habilitados à sobrevivência e produção de lucro via transações comerciais transnacionais, segundo os colaboradores da pesquisa.

Desta maneira, passo a ser convidada a festas, reuniões internas, celebrações, rituais, o que traz conhecimentos e saberes para mim e, em troca, passo a auxiliar na construção e produção de projetos da Associação Senegalesa de Mato Grosso do Sul, na

¹ *Name Nala*, que significa saudades em Wolof. Se um senegalês se dirigir a você e dizer *name nala*, você deve responder *male raw fouf*, que quer dizer: senti sua falta também. Wolof ou uélofe, é a língua nativa mais falada no Senegal. Wolof foi uma etnia monárquica que predominou perante as demais etnias até o século XIX quando a França passa a desestruturar seu poderio e colonizar todo o território. Brignol (2015) ao fazer a pesquisa com senegaleses no sul do Brasil afirma que o wolof é o idioma mais falado entre eles nas reuniões e nas conversas informais, mas falam frequentemente o francês e o árabe, o que percebi em Campo Grande também.

² Transliteração árabe do nome Maomé, o principal profeta do Islamismo.

³ Nome masculino bastante comum no Senegal.

qual participei da Diretoria como primeira secretária em 2020 e 2021. Entre 2019 e 2022 tive contato com dezenove senegaleses que residiram ou residem Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Em 2022, alguns migraram para outras cidades do Brasil e outros para outros países.

2. Amarração teórica

Como branca, tenho consciência de meu lugar de fala, privilegiado e, como Ribeiro coloca: “[...] falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica nem sequer se pensem.” (2020, p. 83). Em relação aos estudos afrocêntricos, defende Moore (2008, p. 17) que: “[...] os estudos africanos não atendem apenas a uma demanda exclusiva do movimento social negro, mas de toda a sociedade.” É uma ontologia necessária para, inclusive, a renovação do campo das ciências humanas, assim como o faz também o pensamento ameríndio.

Desta forma, todo conhecimento é, em certa medida, coletivo e intersubjetivo. As civilizações da oralidade como as africanas tem sua filosofia reconhecida no universo acadêmico apenas recentemente, em processos de negociação e abertura epistêmica (HOUNTONDJ, 2010).

Almeida (2019) afirma que há três concepções distintas de racismo que atravessam nossa sociedade: a individualista (mais visceral e interpessoal, ocorre no bojo dos acontecimentos), a institucional (vinculada às relações desiguais de poder que existem em organizações, empresas, Estado e afins) e a estrutural (mais sutil e verificável em estatísticas como as de violência e criminalidade, inserção de estudantes nas escolas e universidades, indicadores de pobreza e miséria, dentre outras).

Maldonado-Torres (2010, p. 405), por sua vez, conceitua um outro tipo de racismo que ele denomina racismo epistêmico: “O racismo epistêmico descarta a capacidade de certos grupos de pessoas. Pode basear-se na metafísica ou na ontologia, mas os resultados acabam por ser os mesmos: evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos.” Santos (2010b, p. 49-50) escreve que: “[...] não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. [...] É preciso um novo pensamento, um pensamento pós-abissal.”

Assim, pensar, pesquisar na diferença é formar uma espécie de textura, é sentir e agenciar as potências dos corpos que pesquisam, demarcar sentidos-conceitos de forma a abarcar a multiplicidade e diferenciar a partir da repetição. Pesquisar na diferença é considerar “[...] que as nossas escolhas são, de algum modo, enquadradas pelo tipo de corpo que habitamos e pelo contexto social em que nos inserimos.” (MAMA, 2010, p. 608-609).

3. (anti) método da cartografia e do rizoma

Neste tipo de pesquisa, a autoria, o pesquisador munido de verdades científicas, é menos importante do que o acontecimento, que é sempre um produto da coletividade. O agenciamento maquínico “[...] opera as coadaptações de conteúdo e expressão num estrato, assegura as relações biunívocas entre segmentos de ambos, [...] assegura a relação [...]” (DELEUZE e GUATTARI, 2011b, 111). Essa máquina de produção de subjetividades agencia o fazer da pesquisa através da esquizoanálise, não se debruça sobre fatos, mas acontecimentos.

A esquizoanálise faz conexões, estabelece relações de movimento. Pressupõe desconstruir a lógica cartesiana ao negar-se a aceitar “[...] a resposta mais clara, mais fácil, [...]” que “[...] é dada por um modelo arborescente, centralizado, hierarquizado, linear, formalizante.” (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 146) [grifo dos autores].

Rolnik (2016, p. 65), sobre este fazer cartográfico, poetiza: [...] pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. [...] teoria é sempre cartografia - [...]. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não escritas e nem só teóricas. [...] O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado.” [grifo da autora]. O cartógrafo quer participar, interessando-se pelos afetos, mergulhando em territórios existenciais e produzindo pontes de linguagem.

Os dispositivos marcam os corpos, exercem controle, normalizam condutas, governam as vidas cotidianas. A cartografia é o antídoto para a ação dos dispositivos, a possibilidade de um olhar estratégico, rizomático. Rizoma, inspirado na botânica, abre-se a múltiplas conexões, interpretações e ações, se estende e se desdobra de forma descentrada, opera no subterrâneo das relações, multiposiciona o problema da pesquisa.

A pesquisa como uma eterna provocação e recriação, reinvenção de todos os imbricados como um novelo em linha degradê, um rizoma de experiências humanas, escrita nômade e não-segmentada, em perpétua ramificação e produção de microfendas. O nomadismo pós-moderno dos colaboradores da pesquisa combina com o trajeto nômade de uma pesquisa ancorada na cartografia, bricolagem e rizoma.

As cartografias sociais são produzidas por meio de derivas, cartografias emocionais, críticas, coletivas e de experiência, não pela posse, mas pelo estranhamento de si e do outro, não pela descrição pura e simples, porém pela composição imagética e artística, imprevisível, daquilo que se estuda.

4. Diáspora e interculturalidade: por um conceito amplo de educação

É desafiador observar a interculturalidade como ação deliberada, biopotente, contínua e insurgente. A bricolagem é o processo de produção da identidade na contemporaneidade. E, os senegaleses não fogem à regra neste quesito. Não obstante, como africanos, negros e imigrantes, são extremamente coletivos e suas ações ligadas pela religiosidade e ancestralidade.

Ancorada teoricamente aos filósofos e filósofas da cartografia social, rizoma e esquizoanálise, com os autores do grupo modernidade e colonialidade, com os intelectuais afrodiaspóricos e africanos e, especialmente com as mulheres feministas negras que pensam a pós-modernidade de uma maneira singular e avançada, comecei a me aventurar nos diálogos com os senegaleses. Um deles, certo dia, me falou, de maneira poética sobre o mapa do Senegal.

Bomani⁴ foi me explicando: “Olha, a Gâmbia é a língua, a capital Dacar é o nariz, Ziguinchor é o queixo, Saint-louis são os olhos, se pensar que o Senegal é uma cabeça do leão de perfil”. O devir-leão é a metáfora de um *modu-modu* que se projeta para o mundo. O território senegalês se projeta para o mundo como uma força da natureza, ativa, pronta para enfrentar todas as adversidades. A partir desta fala, elaborei uma composição imagética, que está abaixo.

⁴ Foram utilizados nomes fictícios para todos os colaboradores da pesquisa.

Figura 1: Devir-leão. Fruição artística produzida a partir da cartografia verbalizada por Bomani. Material: Papel Canson com impressão de mapa e imagem sobreposta, tecido wax e lápis-de-cor diversos. Tamanho: 20x15 cm.



Fonte: Elaboração própria. Produção em: abril/maio de 2022.

Conforme Deleuze e Guattari (2012b, p. 127) um território é um corpo: é ritmo, percepção, é meio, é desejo. A utilidade de um mapa devir-leão é menos importante que sua capacidade de expressar uma interculturalidade pesquisadora-senegalês. O devir-leão é a metáfora de um *modu-modu* que se projeta para o mundo.

Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre 2019 e 2022, a atividade de comércio informal, na qual os africanos trabalham geralmente como vendedores ambulantes, posição social onde muitos dos senegaleses que estão no Brasil se inserem, foi dificultada pelas inúmeras obras realizadas no centro da cidade, inclusive a revitalização total da rua 14 de julho, localizada no centro da cidade, além do impedimento real em época da pandemia do novo corona vírus, que se estendeu durante quase todo este período.

Figura 2 – Colaborador da pesquisa no centro de Campo Grande - MS, local onde exercia o comércio ambulante antes da revitalização.



Fonte e fotografia: Colaborador da pesquisa. Data: 17/10/2019.

De acordo com Kaly (2005), a rua nas cidades africanas é a prolongação da casa. Como as cidades não foram planejadas para a modernização rápida e desenfreada e as casas são pequenas para a confraternização de famílias extensas. As festas religiosas, rituais fúnebres, casamentos acontecem em grande parte no cenário das vias públicas, com a presença de pequenas multidões. Os senegaleses estão acostumados a ocupar as ruas de forma, por assim dizer, doméstica. O comportamento espontâneo destes africanos nas ruas de Campo Grande - MS demonstra esse traço cultural. É interessante constatar que a higienização social, muitas vezes perpetrada por prefeituras brasileiras, não é observada nestes termos pelos *modu-modu*, simplesmente porque eles vieram de uma outra realidade na qual as políticas públicas não são atravessadas pelos mesmos tipos de gentrificação existentes no Brasil.

Não obstante, muitos diálogos com os senegaleses ocorreram no interior das repúblicas. Foram durante as reuniões internas que o *ethos* deste grupo social se apresentou a mim. Essas reuniões são chamadas *dahira*, que pode ser tanto a reunião em si, que geralmente é realizada aos domingos à tarde entre senegaleses em diáspora no mundo todo, como pode significar a associação religiosa entre eles. (ROSSA, 2019).

O *dahira* do dia 24 de maio de 2020 começou com o lanche, depois as rezas em árabe voltadas para Meca, depois rezas com dizeres em Alcorão (impresso ou lido no

celular), alguns seguraram o *couross*⁵ e vão seguindo a reza. As vozes se misturaram e foram assimétricas, gerando ondas vibratórias tranquilizantes. Depois deste momento, houve uma conversa com pauta definida anteriormente. Um copo d'água ao centro da reunião, o orador tomou um pouquinho da água depois o copo vai passando de mão em mão e todos tomam e também falam.

Estas reuniões, assim como as festas e outros eventos que os senegaleses são protagonistas em terras brasileiras, podem ser vistas metodologicamente como heterotopias, conceito foucaultiano, ou máquinas de guerra, conceito de Deleuze e Guattari (2012c). As heterotopias se diferem das utopias por conterem posicionamentos da sociedade espacializados. O tecido social não é apenas formado por instituições disciplinadoras, normalizantes, de controle, mas também por espaços de fuga e resistência. A polícia federal, o cartório, são partes do aparelho de Estado, enquanto os Dahiras, as feiras Afro, festa do Magal de Touba, entre outros espaços de resistência, são as máquinas de guerra.

Certa vez, fui ao Shopping Campo Grande para assistir a estreia do filme dirigido por Lázaro Ramos, intitulado *Medida Provisória* e encontrei Jafari comercializando artefatos em cerâmica, roupas e máscaras africanas no hall central do shopping. Ele agora faz parte de uma feira itinerante, e, outros comerciantes também estavam lá com seus produtos. Jafari se mostrou feliz em me ver e conversamos um pouco. A estreia de *Medida Provisória* foi em 14 de abril de 2022. Com um elenco com atores negros como Seu Jorge, Tais Araújo e Alfred Enoch, a história ficcional consiste em uma iniciativa racista camuflada por motivo de reparação pelo passado escravocrata, o governo brasileiro decreta uma medida provisória que obriga os cidadãos negros a se mudar para a África definitivamente. No filme, que se passa em um futuro próximo, a palavra negro é substituída por melanina acentuada. Os que não aceitam são exterminados e a ação policial é comemorada em rede nacional. Os que conseguem fugir se refugiam em versões de quilombos pós-modernos, chamadas no filme de *afrobunkers*.

Os *afrobunkers* do filme são espaços de resistência e interpreto aqui como heterotopias (aos moldes de Foucault) ou máquinas de guerra (aos moldes de Deleuze e Guattari, 2012c) se opondo às utopias normalizantes e ao aparelho de Estado que reprime e

⁵ Os africanos muçulmanos utilizam um instrumento de reza, muito parecido com o terço ou rosário do cristianismo, de proporção grande, feito de tiras arredondadas de madeira, pode ser feito de madeira ébano, chamado *Couross*, sendo os da confraria Tidiane menores e os da Mouride maiores.

tende ao fascismo. Aproximo os fictícios *afrobunkers* com os *dahiras* senegaleses. Ambos são espaços transgressores, pois são formados por grupos humanos negros afrodiaspóricos com culturas, religiosidades e formas de pensamento pluriculturais, lugares onde se unem para tratar estrategicamente de seus próprios assuntos.

Afrobunkers e *dahiras* também remetem ao aquilombar-se de Abdias Nascimento (2009, p. 203), um conceito que expressa a consciência negra e o sentimento quilombista, que numa sociedade estruturalmente racista como no Brasil, se perpetua por entre as gerações como forma de enfrentamento.

Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba e gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A esse complexo de significações, a essa *práxis* afro-brasileira, eu denomino quilombismo. [grifo do autor]

Este autor escreve que o quilombismo segue atuando como uma ideia-força em território brasileiro, unifica as lutas e, ao mesmo tempo, diversifica-se conforme as necessidades estratégicas e táticas dos agrupamentos negros através do meio geográfico e do contexto histórico. Enquanto instrumento conceitual operativo, o quilombismo enriquece a capacidade de luta e desconstrói o racismo epistêmico.

Deleuze e Guattari (2012c, p. 70) escrevem que “[...] a máquina de guerra é como a consequência necessária da organização nômade”. O agenciamento nômade coletivo é o mesmo para um guerreiro nômade e um operário ambulante, itinerantes trans-históricos e artesãos geográficos, se inventam a partir da potência e da cultura do afeto. “Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra: o não-fazer do guerreiro, desfazer o sujeito”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012c, p. 85). Desta maneira, os colaboradores da pesquisa transitam em um sistema-mundo monocivilizacional, mesmo que policultural. (RAMOSE, 2010). E, para sua constante reinvenção como ferramenta de sobrevivência, se reúnem em coletivo reavivando os saberes tradicionais e as identidades de origem.

Outro momento de resistência abordado pela pesquisa, são as festas e celebrações dos senegaleses imigrantes. O Magal de Touba, que corresponde ao 18 Safar do Calendário Muçulmano, é uma festa anual dada pelos senegaleses em todos os lugares para onde

migram. Fui convidada para esta festa em 2019 e 2021, pois 2020 não houve por motivo da pandemia. Em 2019, no momento no qual os colaboradores da pesquisa colocaram os seus livros sagrados na mesa (Alcorão e Khassidra) eu fui até os objetos e manuseei. Este meu ato provocou desconforto. Eles conversaram rapidamente entre si e fui advertida por um deles, o Kwane, que não poderia fazer isso. Pedi desculpas e eles me olharam com afeto. Entenderem minha curiosidade, entretanto, disseram que eu não poderia mais fazer isso. É bom que se diga que todos os momentos do Magal de Touba são relacionados ao sagrado, à religiosidade vivida pelos imigrantes mourides.

Em muitas cidades nas quais há imigrantes senegaleses, estes começam o Magal de Touba com uma espécie de procissão com imagens dos grandes líderes mourides em estandartes e ao som de tambores e cânticos religiosos. É o caso de São Paulo - SP e Caxias do Sul – RS. Mas no caso de Campo Grande – MS, esta procissão não foi uma opção, porque não há quantidade suficiente de pessoas para empreender tal ato coletivo, segundo os colaboradores da pesquisa.

Na pós-modernidade, se observar o país Senegal, pode-se notar que são poucos os jovens que conseguem emprego e esta realidade os move ao fenômeno migratório. Também é interessante destacar que, de acordo com Gonçalves e Sangalli (2018), ainda se tem alto índice de evasão escolar nas zonas rurais do Senegal por motivo da necessidade de subsistência das famílias. Esta realidade favorece uma política de imigração em benefício das empresas transnacionais instaladas no Brasil e que, contratam africanos com baixos salários e carga horária de trabalho exorbitante.

Constata-se que, o aspecto central na vida do senegalês diaspórico é ser arrimo de comunidade. Cada um é, do ponto de vista identitário, porque está inserido em uma comunidade, uma etnia, uma confraria, em um coletivo que ficou no Senegal, e eles têm consciência disso. Não basta mandar dinheiro a sua família extensa no Senegal, mas conhecidos e outros membros da comunidade podem, esporadicamente, ligar para os senegaleses que estão no Brasil pedindo doações específicas.

Sobre o covid-19, muitas foram as conversas e discussões entre eles. O Bomani se mostrou preocupado com a capacidade de seu país lidar com a pandemia: “Não temos materiais hospitalares em quantidade suficiente! Além disso, nos cumprimentamos tocando a face um do outro e comemos juntos sem talheres na mesma vasilha, principalmente os mais velhos! Meu avô mesmo já falecido nunca usou um talher para se alimentar. Se avançar em nosso território a doença trará muitas mortes!” Eles me contaram que os

africanos muçulmanos da confraria Mouride, principalmente os Bay Fall, tem uma forma peculiar de se cumprimentarem, tocando a face e depois o ombro de seus amigos. Este gesto reforça os sentimentos de solidariedade deste grupo social.

O sistema político democrático deixou de discutir alternativas ao hipercapitalismo e possibilitou a pandemia tornar-se uma alegoria que gera medo e mortes sem fronteiras, causadas por um inimigo invisível (SANTOS, 2020). A pandemia tem seus alvos e os nossos colaboradores da pesquisa, enquanto imigrantes, pretos, não fluentes na língua portuguesa, com costumes culturais singulares, com pouca ou nenhuma documentação, sem qualquer acúmulo de bens materiais, estão entre estes alvos.

Não obstante, as interações sociais são interessantes, informais e inusitadas no dia a dia dos senegaleses. Um dia andava com alguns senegaleses no centro da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, quando passam por nós na calçada algumas moças, e, rindo, comentam: Olha os negões ali. O Bomani me disse que a palavra negão é rebatida com a palavra *rongonop*, isto é, *oreille blanche* - orelha branca em wolof. Ele falou rindo para mim: se nós somos negões, elas são *rongonop*. Você é *rongonop*. Depois disso, todos riram. Neste momento, minha sensibilidade se aguçou e logo senti a potência da metáfora da orelha.

A fabricação dos desejos depende de uma condição de simulação de si (ROLNIK, 2016), de desempenhar um papel: *rongonop*, senegalês, negão ou *toubab*. Quem sou eu e quem é o outro a partir da condição de fala e escuta. Trabalhar com noções de cor, raça e etnia a partir do olhar do senegalês diaspórico é um desafio para orelhas brancas como as minhas, urgentes em desconstruir as alegorias humanas de “outros”, as correntes eurocêntricas e saberes narcísicos que a matriz colonial moderna racista cis heteropatriarcal capitalista do sistema mundo me ensinou desde a infância, discussão feita por Akotirene (2020).

Acredito que mais do que poder falar, para parafrasear Spivak (2010), o subalterno precisa de pessoas que estejam dispostas a realmente dialogar com eles. Porque as soluções dos problemas da modernidade/colonialidade podem surgir nos resultados destes diálogos.

Em março de 2020, o Bomani me disse que conheceu um senegalês novo na cidade que disse morar em uma favela em Campo Grande - MS, o Akachi. Passou alguns dias, ele foi à minha casa com o rapaz. O Akachi abriu sua mochila e me mostrou um mapa mundi e o mapa do continente africano. Disse que mostra os mapas para todo mundo na ocupação onde mora. Falou que geralmente os brasileiros pensam que a África é um país. Lá na

ocupação, Akachi é conhecido como Miguel, pois ninguém quis chamá-lo de seu nome verdadeiro. Está há cinco anos e meio no Brasil, tem 38 anos, morava em São José dos Campos - SP, se mudando para cá em busca de emprego. Quando chegou em Campo Grande – MS, comprou aquele espaço por mil reais e se estabeleceu.

Akachi, na área de ocupação onde mora, no período em que o conheci, fez o papel de um educador popular, é de fato o que o sociólogo Betinho chamou de ator social em seu livro *Análise de conjuntura*. Akachi age com sabedoria e paciência com os moradores daquele lugar, explicando o que pode sobre si mesmo e seu local de origem. Oferece seus conhecimentos gratuitamente e assim ajuda no avanço daquela sociabilidade. Ao ensinar saberes e conhecimentos sobre a geografia do continente africano, seus países e povos, culturas e línguas, produz práticas pedagógicas a partir das carências que verificou na interação social com brasileiros e brasileiras. Pensa a partir das fissuras, das falhas que a educação formal não foi capaz de alcançar em uma comunidade periférica no interior do Brasil.

5. Considerações finais

Pode-se afirmar que os senegaleses em Campo Grande - MS formam um sistema complexo de ligações e contatos que são o suporte para o exercício da tradução intercultural (MENESES, 2010). Eles vivem na ambivalência, em um espaço de fronteira, de múltiplas identidades e vozes em que dobras se desdobram revelando o inusitado, o detalhe, o insuspeitado, o oculto, ao utilizar palavras de Garcia (2011). A conexão com os colaboradores da pesquisa aconteceu por meio de rizoma, da cartografia social não-binária, pois o que se pretendeu foi “[...] o ‘e’, que se produz entre os elementos, entre os conjuntos, e que não pertence a qualquer dos dois, que lhes escapa e constitui uma linha de fuga”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012c, p. 186). O tateamento da realidade, a captura da invenção, a produção de dados através do abraçamento da linguagem artística e gorgameo poético, foram elos de ligação entre os senegaleses contatados e eu enquanto pesquisadora.

Há potência pedagógica na diáspora. Potência de ensino e aprendizagem de um outro mundo possível a partir do estranhamento de si e do outro nas novas relações que se estabelecem nesse deslocamento. Potências, existências e resistências decoloniais. A

recriação de si na diáspora pode descolonizar. Ao produzirem novos espaços a partir do fenômeno migratório como os dahiras, ao pensarem e se expressarem de forma artística como o devir-leão e ao ensinarem aos brasileiros um pouco de seu continente e país, seus costumes e identidades, eles também se hibridizam e fortalecem o movimento negro e a luta antirracista pelo globo.

6. Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRIGNOL, Liliane Dutra. O uso social das TICs em dinâmicas de transnacionalismo e comunicação migrante em rede: uma aproximação à diáspora senegalesa no sul do Brasil. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 12, n. 35, set/dez, 2015, p. 89-109.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. Diáspora senegalesa e mediação tecnológica: entre tempos e lugares na observação de Magal de Touba. **Contracampo**. Niterói, v. 37, n. 1, abr/2018-jul/2018, p. 9-29, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Coleção TRANS, 2ªed., São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. Coleção TRANS, 2ªed., São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Coleção TRANS, 2ªed., São Paulo: Editora 34, 2012c.

GARCIA, Regina Leite. Para quem investigamos - para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SOARES, Magda; FOLLARI, Roberto A. GARCIA, Regina Leite. **Para quem pesquisamos**, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2011, p. 15-41.

GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; SANGALLI, Lucas Cé. A abordagem biográfica das migrações transnacionais: os casos haitianos e senegalês no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v.3, n.7, p. 91-108, jan/abr, 2018.

- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1ªed., Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOUNTONDJ, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 131-144.
- KALY, Alain Pascal. **Medo, vergonha, necessidade e protagonismo**: Os meninos de rua em Salvador/Bahia – Brasil e em Dacar/Senegal. Tese. (Doutorado). CPDA/UFRRJ, 2005.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 396-443.
- MAMA, Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 603-637.
- MENESES, Maria Paula G. Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 221- 260.
- MOORE, Carlos. Apresentação à nova edição. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.) **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, Sankofa 4, 2009, p. 17-19.
- NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.) **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, Sankofa 4, 2009, p 197-2018.
- RAMOS, Lázaro. **Medida Provisória**. (longa-metragem) Drama. 94 min. Colorido. Brasil. 14/04/2022.
- RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 175-220.
- RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Editora Jandaira. Coleção Feminismos Plurais, 2020. ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

SOUZA, Hebert José de. **Análise de conjuntura**, 27ª edição, Petrópolis: Vozes, 1984.

UNIONPEDIA. Disponível em: Línguas nigero-congolesas - Unionpédia, o mapa conceitual (unionpedia.org) Acesso em: 14/07/2022.